



BETH, A GARÇONETE¹

Marianna Cabral de Santana SHIGEKIYO²

Ana Paula de Miranda BENINI³

Camila Lourenço RODRIGUES⁴

Daniela SWIDRAK⁵

Felipe Gustavo PACELLI⁶

Giulia Filippini MELETTI⁷

Julia Godinho RETONDO⁸

Luis Enrique CAZANI JUNIOR⁹

Rafaela Calado BORTOLETTO¹⁰

Dr. Marcelo Magalhães BULHOES¹¹

Dr. Marcos AMERICO¹²

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP, Bauru, SP.

RESUMO

Procura-se nesse trabalho expor as considerações levantadas sobre o curta-metragem “Beth, a garçonete” (2010), adaptação audiovisual de Macbeth (1607), tragédia escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare. Com referências ao gênero *gore*, a produção universitária interdisciplinar gravada em HD (*high definition*), possui cerca de quinze minutos de duração e congrega um clássico literário com o *trash*, aproveitando dos elementos de sua temática para o exercício de um dos gêneros mais populares do cinema.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual; Adaptação literária; Gênero *gore*; Interdisciplinar.

1.INTRODUÇÃO

Roteiro, produção, direção, edição, entre outras. A produção audiovisual em suas múltiplas linhas de significação para a constituição de um determinado produto, se realiza

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade filme de ficção (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Radialismo. Diretora e Produtora do curta-metragem. E-mail: mah_shigekiyo@hotmail.com

³ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Produtora e Figurinista do curta-metragem. E-mail: la_tiquito@hotmail.com

⁴ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Diretora de Fotografia do curta-metragem. E-mail: cah_lourenco@hotmail.com

⁵ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Diretora de Maquiagem e Efeitos Especiais do curta-metragem. E-mail: danyswidrak@gmail.com

⁶ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Diretor de Artes do curta-metragem. E-mail: fgpacelli@gmail.com

⁷ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Produtora do curta-metragem. E-mail: giulia_bep@hotmail.com

⁸ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Produtora e Roteirista do curta-metragem. E-mail: ju_godinho88@hotmail.com

⁹ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Editor e Sonorizador do curta-metragem. E-mail: cazani.unesp@hotmail.com

¹⁰ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Radialismo. Produtora Executiva e Editora do curta-metragem. E-mail: rafaelacbortoletto@gmail.com

¹¹ Orientador do trabalho. Professor de Comunicação Social – Radialismo. E-mail: bulhoes@faac.unesp.br

¹² Orientador do trabalho. Professor de Comunicação Social – Radialismo. E-mail: tuca@faac.unesp.br

multidimensionalmente. Entretanto, devida a fragmentação instituída nesse processo, nem sempre se permite trabalhar as inter-relações ou promover uma maior integração dessas parcelas, na construção da sua totalidade.

Seguindo o pensamento complexo proposto por Edgar Morin aplicado ao contexto educacional e aproveitando a distribuição das disciplinas do curso de Comunicação Social - Radialismo da Unesp, realizam-se tradicionalmente trabalhos interdisciplinares que promovem essa significação em conjunto, com a criação de produtos audiovisuais que vão além da mera soma de suas partes, anteriormente mencionadas.

Encontrando na dramaticidade de Shakespeare e nas inúmeras reviravoltas de “Macbeth”, terreno fértil para o desenvolvimento de um produto que seguisse as características do gênero cinematográfico escolhido, o terror *trash* típico das décadas de 1970 e 1980, desenvolveu-se a adaptação audiovisual “Beth, a garçonne”, promovida pelas disciplinas de Língua Portuguesa IV, História e Estética da Fotografia e do Cinema, Sonorização e Técnicas em Animação, que buscaram dentro de cada área do conhecimento, um melhor desenvolvimento do texto audiovisual proposto.

2. OBJETIVOS

A realização de um trabalho interdisciplinar audiovisual e experimental produzido como resultado do conhecimento explorado pelas disciplinas já mencionadas, tornou-se o principal objetivo desse trabalho. Destaca-se também a busca por um maior aprofundamento da construção da linguagem do cinema de gênero que possui características próprias e bem definidas, a realização de uma adaptação literária audiovisual e a utilização de elementos do cinema de animação.

Como resultado, surge o curta-metragem estabelecido no gênero de terror, um campo fértil para experimentações, tanto na direção de arte (maquiagem, figurino e cenografia), como na fotografia, na estética e na composição de efeitos visuais, não usual.

3. JUSTIFICATIVA

Escolheu-se como fábula a tragédia clássica “Macbeth” (1607), de William Shakespeare. O texto aborda de uma forma bem circular, temas universais e atuais como a ganância, o método, o alcance, a queda e o castigo. A experiência sobrenatural, as intrigas e os assassinatos, convites do texto original em Macbeth, são elementos que dialogam com a

temática e o estilo adotado pela equipe: gênero *gore* ou *splatter*, um tipo de cinema de terror que exhibe a violência gráfica exagerada. Encontrou-se nessa estética uma boa ferramenta para que a trama sugerisse um novo olhar sob o texto do século XVII, com uma perspectiva da década de 1980, composição contemporânea realizada interdisciplinarmente.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Enquanto nos filmes de terror tratam-se temas como o desconhecido, sobrenatural, escuridão, entre outros, o medo do gênero *gore* consiste na destruição física do corpo humano, o que atribui a ele um certo preconceito em realizar esse tipo de produção. Há também uma ênfase no aspecto visual, estilo e técnica, incluindo um hiperativo trabalho de câmera. Estes filmes, mediante o uso de efeitos especiais e excesso de sangue artificial, tentam demonstrar a vulnerabilidade do corpo humano e teatralizar mutilações. Algumas vezes o *gore* é tão excessivo que se converte em um elemento cômico. No trabalho, o visceral e a comicidade foram elementos chaves para a criação das mirabolantes e sangrentas cenas de assassinato. Todos os efeitos especiais, assim como nos filmes desse gênero, da década de 70 e 80, foram feitos durante as gravações, por meio da maquiagem.

A escolha da estética visual para o curta aconteceu após muitos estudos e análises de obras audiovisuais que serviram como base referencial para o desenvolvimento de um projeto que envolvesse a temática *gore* e *splatter*. Decidiu-se por um “lugar-comum” em relação ao espaço cênico, ou seja, uma locação não dotada de teor sombrio, mórbido, etc, adjetivos utilizados para caracterizar as ações nesse gênero cinematográfico. Em resumo, tem-se, na estética visual do cinema *gore*, um grande contraste entre o espaço dramático e as ações nele compreendidas, justamente por esse espaço não se equiparar visualmente com as condições de existência dessas ações: um restaurante comum, com disposição de objetos comum, que somados tendem ao aspecto visual do que é chamado *kitsch*, também um tipo de composição comum.

Na construção do roteiro utilizaram-se apenas alguns elementos considerados importantes da peça original, propondo uma nova concepção dos personagens de Shakespeare. Considerou que a fábula dessa peça seja justamente a trajetória de seu personagem título, Macbeth, verdadeiro arquétipo shakespeariano da ambição humana, e foi baseado nessa trajetória que se concebeu o filme.

A peça trata da corrupção do nobre escocês Macbeth, Barão de Glamis e primo do Rei, que ao acreditar nas palavras de Bruxas, começa a trilhar um caminho sanguinário ao

poder. Movido por uma ambição avassaladora, trai seu próprio Rei, assassinando-o e surrupiando-o o trono. Mata também seu grande amigo Banquo por medo de uma traição que esse ainda não cometera, e como resultado torna-se um louco que enxerga fantasmas, personificações de sua culpa. No fim sua corte revoltasse contra ele, que morre como um tirano e traidor de sua pátria, e o poder volta aos príncipes filhos de Duncan, herdeiros legítimos do trono.

Em nossa adaptação Macbeth dá lugar a Beth, uma simples garçonete herdeira de um posto de gasolina a beira de uma estrada qualquer. Na primeira sequência do filme somos introduzidos a seu mundo, o posto, o restaurante, a sua situação de órfã, de herdeira do lugar, a sua irmã que administra tudo e toma todas as decisões. Beth é apenas uma garçonete, que assiste o confronto ente sua irmã e o empresário que deseja comprar o local num misto de apatia e distanciamento.

É somente nas próximas sequências que começamos a esboçar quem é a Beth. Afinal, o que faz com que uma menina comum vire uma assassina? Quem dita as cartas é Regina, o travesti que é frentista do posto. É ela que aponta o caminho para o poder, matar a irmã. Sua sugestão, mesmo que a própria Regina em um primeiro momento nem se dê conta disso, é, assim como a profecia das Bruxas em “Macbeth”, o grande divisor de águas na vida da garota.

Aqui, como na peça, não sabemos ao certo se é a sugestão de Regina que imbui essa ambição em Beth, a ambição de ser capaz de tomar a decisão de vender o restaurante sem o empecilho da irmã em seu caminho, ou se esse já era um desejo da menina. Shakespeare atribui a crença de Macbeth nas palavras das Bruxas a uma certa ingenuidade de seu caráter.

Beth é ingênua. São as ambições de Regina que ela toma para si. E é com as palavras da frentista que ela tenta convencer seu namorado, sua Lady Macbeth, a cometer o assassinato de sua irmã. Ele não é um assassino, mas assim como Lady Macbeth, desejando o poder através do status que o assassinato da irmã dará a Beth, comete-o do mesmo jeito. Afinal o poder que Beth persegue é legítimo, ela também é herdeira do posto, assim como Macbeth é primo do Rei Duncan.

Beth se torna uma fraticida. Mesmo não tendo cometido o assassinato com suas próprias mãos, é ela a responsável pela morte da irmã. Mas é Fred quem começa a sentir o peso da culpa do crime, os fantasmas da peça de Shakespeare, e levanta a questão do poder do cunhado de atrapalhar seus planos. As Bruxas profetizaram que os filhos de Banquo seriam reis e o medo da concretização da profecia foi o suficiente para Macbeth mandar

matar o amigo. O cunhado nunca se manifestou a favor ou contra a venda do posto, mas o fato de ele ser capaz de impedir a venda, de ser um legítimo herdeiro do lugar, já é o bastante para que ele seja o próximo na lista de assassinatos da menina.

Só que ela não contava com o fato de que Regina descobrisse seus planos e agora iria mudar o destino dessa história. Mas uma vez a frentista utiliza-se de sua influência de “bruxa de Shakespeare” quando aconselha Beth a ligar para o empresário sem demora, mas também assume o papel de Macduff ao matar os namorados.

O namorado de Beth não tem um destino tão dramático quanto o de Lady Macbeth, apenas como ela morre misteriosamente “fora de cena”. Já Beth morre olhando nos olhos de sua assassina, provando que não se pode confiar em bruxas, ou amigas frentistas, e que não existe plano perfeito ou crime não passível de punição.

Mas o final que construímos não é tão moralista como o de Shakespeare, o poder não volta para as mãos de seus donos legítimos, mas fica com quem ditou as regras desde o começo. A profecia das Bruxas aqui também se realiza, personificada nesse caso na própria Regina.

Suprimimos os elementos do maravilhoso da peça, em nossa adaptação não há bruxas ou fantasmas, também diminuimos a intensidade dramática, o namorado de Beth até chega a sentir o peso da culpa de seus assassinatos, mas nada comparado a loucura dos personagens de Shakespeare, e Beth se mantém sempre muito fria e aparentemente tranqüila, tudo para não fugirmos da atmosfera proposta de terror *trash*.

Como esse é um gênero que não se leva muito a sério, coube nessa adaptação elementos meio absurdos, como um alicate de unha que vira arma do crime, ou o fato de que a maior ambição da protagonista é ser a única dona de um posto de gasolina.

Já o porquê de Regina ser um travesti, além de ser uma escolha inusitada que cabe ao humor *trash*, tem a ver com o status que a figura do travesti tem na sociedade, pois travestis são dúbios e misteriosos, já que carregam estigmas tanto do masculino quanto do feminino, o que gera confusão na maioria das pessoas que não conseguem compreender suas reais motivações – elas são mulheres em corpos de homens? Pensam como homens e agem como mulheres? – o que achamos ser uma boa solução para a figura mística e igualmente dúbia das Bruxas.

Em suma procuramos nesse roteiro dialogar com o terror *trash* das décadas de 1970 e 1980 e com o teatro elisabetano de Shakespeare, tentando assim provar que não há limites quando se trata de uma literatura universal, e que mesmo os filmes mais aparentemente rasos podem surpreender com a complexidade de suas histórias.

A escolha da palheta de cores foi uma outra maneira de ressaltar o *gore* no filme, utilizando-se de cores vivas, principalmente o contraste marcante entre tons de verde e vermelho, elementos característicos da indumentária do Período Elisabetano (época na qual foi escrita a obra *MacBeth* de William Shakespeare).

O efeito da luz teve papel fundamental na composição da narrativa, sobretudo ao que se refere às seqüências dos assassinatos. No filme são realizadas quatro cenas com morte. As três primeiras são noturnas, e a apenas a última é diurna. A iluminação das cenas de assassinato aumenta de intensidade progressivamente de acordo com a seqüência dos fatos. Há uma exceção, a terceira morte, mas a explicação está nos elementos da narrativa. Esta cena foi gravada de forma extremamente escura, para que não se reconhecesse o assassino.

A trilha sonora foi composta de acordo com a estratégia típica dos filmes de terror da década de 80, seguindo a linha do *garage rock* e produzidas com sintetizadores. As músicas possuem uma estrutura simples e contínua contribuindo para a criação dos climas de tensão.

Para a gravação do vídeo optou-se pela utilização de uma câmera digital Canon EOS 7D, que permitiu a captação em *high definition* com resolução de 1080/30p (29.97). O som digital foi capturado separadamente através de um gravador. Foram utilizados os programas Adobe Premiere CS5 e Final Cut na edição de imagens, Adobe SoundBooth CS5 para a edição de som, e o Motion para a correção de temperatura da imagem.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“Beth, a garçonete” é um curta-metragem de ficção com duração de quinze minutos produzido durante o 2º semestre de 2010 por alunos do 4º termo do Curso de Comunicação Social - Radialismo da Unesp. O projeto interdisciplinar envolveu as disciplinas Língua Portuguesa IV, História e Estética da Fotografia e do Cinema, Sonorização e Técnicas de Animação, tendo como proposta a adaptação de uma obra literária para um produto audiovisual, explorando conhecimento oferecido por essas disciplinas.

O produto se resume à história de Beth, uma simples garçonete que trabalha no restaurante de um posto à beira da estrada de uma cidadezinha qualquer, herança deixada a ela e à irmã após a morte de seu pai. Resignada com sua vida de garçonete, ela vê a oportunidade de sucesso quando um empresário aparece fazendo uma oferta de compra do posto, mesmo que para isso tenha que enfrentar sua irmã mais velha, que é radicalmente

contra a venda do estabelecimento da família. Mas Beth não é boa em confrontos, e a única maneira que ela conhece de gerenciar conflitos é na base de sangue, muito sangue!

6. CONSIDERAÇÕES

Com a produção audiovisual interdisciplinar “Beth, a garçonete”, aplicou-se o conhecimento adquirido, explorando-o multidimensionalmente pelos diferentes campos científicos que se congregou para a produção desse trabalho. Fomentou-se assim, a práxis audiovisual, com a construção de uma obra mais complexa e melhor trabalhada.

Por mais que os vídeos universitários não usufruem de todos os recursos do mercado, tem-se mais liberdade para escolher a abordagem que seja mais condizente com as vontades de seus realizadores, o que torna ousado a realização desse projeto não usual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Blain. **Motion picture and video lighting**. EUA: Elsevier, 2008.

KEHOE, Vincent J-R. **Special Make-Up Effects**. EUA: Elsevier Science, 1991.

MCKEE, Robert. **Story - Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Tradução de Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

RABIGER, Michael. **Direção de cinema - Técnicas e estética**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SHAKESPEARE, Willian: **Macbeth**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

O Albergue. *Hostel*, de Eli Roth, EUA, 2005

O Albergue 2. *Hostel: Part II*, de Eli Roth, EUA, 2007

O Assassino da Furadeira. *The Driller Killer*, de Abel Ferrara, EUA, 1979

A Casa dos 1000 Corpos. *House of 1000 Corpses*, de Rob Zombie, EUA, 2003

Dementia 13. *Dementia 13*, de Francis Ford Coppola, EUA, 1963

The Dorm That Dripped Blood. *The Dorm That Dripped Blood*, de Stephen Carpenter e



Jeffrey Obrow, EUA, 1982

O Maníaco. *Maniac*, de William Lusting, EUA, 1980

O Massacre da Serra Elétrica. *The Texas Chain Saw Massacre*, de Tobe Hooper, EUA, 1974

Planeta Terror. *Planet Terror*, de Robert Rodriguez, EUA, 2007

Pague para Entrar, Reze para Sair. *The Funhouse*, de Tobe Hooper, EUA, 1981

Sid e Nancy. *Sid and Nancy*, de Alex Cox, UK, 1986

A Vingança de Jennifer. *I Spit On Your Grave*, de Meir Zarchi, EUA, 1978